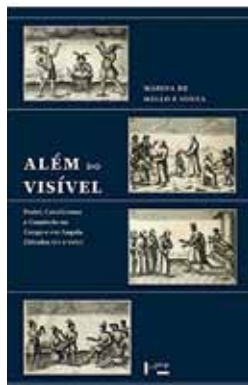


O catolicismo na África portuguesa

Keila Grinberg



Além do visível: Poder, catolicismo e comércio no Congo e em Angola (séculos XVI e XVII)

Marina de Mello e Souza
Edusp

320 páginas | R\$ 38,40

Foi por engano que *Parati: A cidade e as festas* caiu em minhas mãos. De férias, procurava uma leitura de verão. Mirei no que vi, acertei no que não vi. O primeiro livro de Marina de Mello e Souza tratava das festas populares religiosas da cidade, de suas permanências e mudanças ao longo do século XX, interrogando-se sobre suas origens e sobre seus significados mais amplos. Quais os sentidos do catolicismo popular brasileiro? Quais festas permanecem, quais desaparecem nas tradições brasileiras?

Marina aprofundou essas questões em *Reis negros no Brasil escravista*, seu segundo livro: sempre interessada nas festas religiosas populares, ela se dedica a analisar, no Congo, a origem das festas de coroação dos reis negros, as congadas, comuns a todas as regiões brasileiras habitadas por africanos escravizados nos séculos XVIII e XIX (mas desaparecidas na Paraty do século XX).

Começo assim porque o lançamento de seu mais recente trabalho, *Além do visível: Poder, catolicismo e comércio no Congo e em Angola*, é uma ótima novidade que, agora, já não causa nenhuma surpresa. Consolidando sua trajetória como africanista, Marina retrocede ainda mais no tempo em busca de respostas para as perguntas que marcam o conjunto de sua obra: a constituição do catolicismo na África portuguesa, suas articulações com as dinâmicas do poder colonial, com a formação das identidades e da religiosidade popular.

Organizando sua análise em três eixos articulados – o comércio, o poder e o catolicismo –, ela orienta sua narrativa para os reinos do Congo, Dongo, Dembo e de Matamba nos séculos XVI e XVII, quando as populações centro-africanas foram alvo de intensa expansão missionária. Em linhas gerais, esse é um tema bastante conhecido da historiografia especializada; mas a perspectiva adotada pela autora é menos trabalhada, e por isso mais relevante: interessada no olhar dos africanos e em seus próprios interesses em estabelecer alianças e relações comerciais com os portugueses, ela quer entender a maneira como os centro-africanos *viram* os brancos a partir de seus próprios referenciais cognitivos.

Nesse sentido, é exemplar sua leitura do lugar que a cruz, símbolo máximo do projeto evangelizador católico, ocupa nos próprios ritos centro-

-africanos, realizada no primeiro capítulo, que trata dos contatos iniciais entre a sociedade congoleza e os portugueses, quando o catolicismo foi adotado como religião oficial no Congo. Se, naquele país, o catolicismo marcou o fortalecimento do poder central, no território que veio a ser denominado Angola, objeto do segundo capítulo, o contexto era radicalmente distinto: nesse caso, religião e conquista foram duas expressões de um projeto colonial que, após muitos conflitos, logrou consolidar o primeiro sistema moderno de comércio de escravos que contava, além dos portugueses, com a fundamental participação de agentes locais.

O livro não tem uma protagonista principal. Caso houvesse, certamente seria Njinga, a rainha de Matamba, foco do terceiro capítulo e famosa pela maneira como lidou com seus subordinados e com missionários holandeses e portugueses. Antes de virar mito, Njinga foi personagem real, fundamental na relação entre jagas, ambundos e portugueses no século XVII. Convertida ao catolicismo sucessivas vezes, foi provavelmente a melhor expressão da centralidade desempenhada pela religião nas disputas locais por prestígio e poder.

No quarto capítulo, o seu mais difícil – porque dispõe de menos fontes –, a autora tenta compreender justamente o aspecto que vem a conferir o título do livro: o envolvimento das populações locais na tarefa missionária, a princípio pouco visível nos estudos sobre a expansão do catolicismo na região. Não à toa, a conclusão enfatiza as múltiplas formas como os africanos-centrais abraçaram a religião dos europeus ao longo do século XVII: sem deixar de atestar a força da presença portuguesa, Marina conclui que é impossível entender qualquer projeto de conquista e colonização sem levar em conta a perspectiva daqueles que acabaram por ser dominados.

Além do visível é um livro didático no melhor sentido do termo. Os especialistas certamente o lerão; os iniciantes e os interessados em geral encontrarão, na prosa de Marina, um convite ao aprendizado e à reflexão. É tudo o que se quer de um livro de história.

Keila Grinberg é professora titular do Departamento de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

A nova (velha) face do poeta de sete faces

Wilton José Marques



Maquinação do mundo: Drummond e a mineração
José Miguel Wisnik
Companhia das Letras
328 páginas | R\$ 64,90

Por causa da inerente pluralidade (segredo nem sempre visível), uma das principais características da grande obra literária é justamente a de possibilitar que, ao longo do tempo, olhares críticos enxerguem detalhes ainda não revelados, embora, é certo, sempre disponíveis nos textos. Assim, quando o leitor experimentado, alumbrado – às vezes – pelo acaso, atenta ao não visto, outro viés analítico pode vir à tona, com chances, inclusive, de ser incorporado de imediato à fortuna crítica de tal obra. É esse o caso do recente livro de José Miguel Wisnik – *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*. Em leitura original, nascida da viagem ocasional a Itabira e do impacto do lugar, o crítico acrescenta uma nova (velha) face ao poeta de sete faces, sobretudo ao focalizar a relação profunda e muitas vezes sibilina que Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) estabeleceu em sua obra com a mineração e a maquinação do mundo.

Metaforizado numa espécie cifrada de *terza rima* sem rima, aliás, a mesma que, como se sabe, permeia “A máquina do mundo” drummondiana, o livro de Wisnik se articula em três partes que, ajustadas com precisão algo poética, compõem uma visada analítica singular.

Na primeira, “O espírito do lugar”, o autor revisita Itabira, a cidade da infância do poeta mineiro e “entidade poética” conhecida de todos, sobretudo pela “fotografia na parede”, que ainda dói, e pelo sino que, “inscrito na memória mais recôndita”, não cessa de bater, ambos já tão perenizados em poemas. É nessa Itabira, quase mitológica, que o crítico (re)encontra “o cruzamento subterrâneo da fantasia provincial do sujeito, entranhada no mundo das relações patriarcais, com a realidade implicada na exploração mundial do ferro”. Concomitante à nascente consciência do “sentimento do mundo”, a destruição progressiva do pico do Cauê, retirado a fórceps da paisagem natural, é transformada em mote recorrente, em gesto de resistência (aparentemente inútil) ao progresso devastador da atividade mineradora que pulverizou a montanha. Para o poeta, no entanto, sempre ficou a certeza de que “cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê”.

Na segunda, “Maquinações minerais”, Wisnik radiografa tanto o processo histórico da montagem da máquina extrativista moderna, da chegada dos estrangeiros e a avidez com que compraram aquela “terra só de ferro” até a instalação do Projeto Cauê pela Companhia Vale do Rio Doce, como as repercussões em prosa e em verso do poeta mineiro, “que vão desde a notação fina, a rememoração lírica, a resistência sintomática e a intervenção de protesto até o enigma, a alegoria e a cifra interrogante sobre o destino humano”. Apesar da “derrota incomparável”, o poeta, sempre ciente do “destino mineral” do lugar, reclamou em vários momentos, às vezes com corrosiva ironia, que ao menos parte do lucro do negócio minerador também beneficiasse sua “cidadezinha qualquer”.

Já na terceira e última parte do livro, “A máquina poética”, e dialogando – entre outras – com as leituras de “A máquina do mundo” feitas por Alfredo Bosi e Alcides Villaça, mas, ao mesmo tempo, apresentando outra saída para o duplo problema fulcral do poema, isto é, o do convite e o da recusa a “tudo [que] se apresentou nesse relance / [...] afinal submetido à vista humana”, Wisnik salienta como novidade analítica a visão contemporânea da própria “máquina do mundo” que desemboca no “sono rancoroso dos minérios”, desvelando – em suas palavras – tanto “a tecnociência contemporânea” quanto “os dispositivos de dominação e exploração do mundo agindo sobre todas as esferas objetivas e subjetivas da existência”. Ou seja, ao realçar no poema a força da “máquina capitalista”, que transforma e destrói tudo, o crítico acrescentou mais um motivo à recusa do sujeito poético.

Enfim, além da leitura de “A máquina do mundo” e de abrir outras possibilidades para a leitura de *Boitempo*, José Miguel Wisnik, como se *palmilhasse vagamente* a estrada poética de Carlos Drummond de Andrade, devolveu ao poeta – como nova – uma velha face que, no fundo, sempre esteve ali, entranhada no tecido mais íntimo dos poemas. Precisava apenas ser (re)vista, e foi.

Wilton José Marques é professor de literatura brasileira e teoria literária da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).